

Apresentação

Henrique Hamester Pause (GEMAM/PPGH/UFSM)¹

Rodrigo dos Santos Oliveira (GEMAM/PPGH/UFSM)²

Vander Gabriel Camargo (PPGH/UFRGS)³

O Dossiê Temático “**Corpo, Sexo e Homoerotismo na Antiguidade Clássica e Tardia**” nasceu com o intuito de ampliar os debates sobre as temáticas de corpo, sexo e homoerotismo, dentro do campo da História Antiga, que, na visão dos organizadores deste dossiê, considera-se tão necessário. Partindo de nossas próprias pesquisas e áreas de concentração de estudo, sabemos o quanto é necessário existir espaços para a publicação e compartilhamento daquilo que de mais novo está sendo produzido sobre essas temáticas. Também temos ciência de que apesar de os estudos sobre a chamada “sexualidade” no mundo antigo terem ganhado destaque nas últimas décadas, esse ainda é um tema que encontra barreiras e resistências diante de tradições normativas e conservadoras, tanto em nosso país quanto no exterior. Contudo, isso não diminui a importância e a relevância de pesquisas que se concentram nos elementos culturais das chamadas sociedades antigas.

Este dossiê temático, portanto, tem como objetivo reunir pesquisadores e pesquisadoras que reflitam sobre o corpo, as relações de gênero e as representações do amor e do desejo entre pessoas do mesmo sexo, presentes em uma ampla gama de produções literárias e de cultura material, legadas pelos gregos e romanos dos períodos clássico e tardio. Por meio dessas fontes, o dossiê convida o(a) leitor(a) ao debate sobre Grécia e Roma, da Antiguidade Clássica à

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal de Santa Maria - (PPGH-UFSM). Membro do Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo Mediterrâneo (GEMAM/UFU). ORCID iD: 0000-0002-5499-0615.

² Doutorando em História pela Universidade Federal de Santa Maria - (PPGH-UFSM). Membro do Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo Mediterrâneo (GEMAM/UFU). ORCID iD: 0000-0003-1829-1347.

³ Doutorando em História Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGH/UFRGS). Membro do Laboratório de Estudos da Antiguidade Oriental (LEAO/UFRS). ORCID iD: 0000-0003-1706-0459.

Antiguidade Tardia, sobre as relações de gênero e as articulações entre corpo e normas sociais dentro das sociedades antigas, bem como sobre as possibilidades de investigação a partir de textos literários e da cultura material. Ao nos referirmos a corpo, sexo e homoerotismo no mundo antigo estamos reportando-nos a conceitos históricos, isto é, a uma categoria de pensamento usada para interpretar, organizar e dar sentido às experiências humanas no tempo, reconhecendo que os significados das palavras, práticas e ideias mudam historicamente.

O que entendemos como corpo, por exemplo, é histórico, ou melhor, historicizado. Cada sociedade e, portanto, cada cultura, agirá sobre o corpo ou os corpos (pensando em um ideal de coletividade), determinando-os. Passarão a existir construções de particularidades para o corpo, enfatizando determinados atributos em detrimento de outros, criando-se padrões. Padrões esses que podem ser relacionados a beleza, a sensualidade, a saúde, a postura e que, ao final das contas, estabelecem referenciais aos indivíduos para se construírem como homens e como mulheres, como postula Butler, performando o gênero em conformidade ou em oposição às normas sociais estabelecidas (1993). Ao longo do tempo, esses modelos produziram e funcionaram como verdadeiros codificadores de sentido e produtores da chamada história corporal. Ao falarmos de corpo na Antiguidade, estamos falando de normas de comportamento, seja de vestimenta, seja de práticas sexuais e de como todos esses elementos são construídos e formulados pelas sociedades antigas, segundo as premissas do filósofo francês Michael Foucault (1926-1984), pelo discurso ou prática discursava. Afirmamos isso, primeiramente, pois entendemos o conceito de sexo tanto como a prática sexual quanto como a preocupação tida, ao longo da história, frente a essas práticas. Segundo o historiador Alexandre Cozer (2017) “é por esse motivo que diversas interpretações têm sido desenvolvidas no presente para tratar e debater os costumes, o significado e o sentido que tinha o sexo em diversas culturas ao longo do tempo e do espaço”. Segundo, por que Foucault, ao debater concepções sobre a sexualidade antiga, postula através de

suas reflexões que os discursos produzidos por uma sociedade também a influenciam.

Para o filósofo, segundo as análises realizadas por Cozer (2017), “os sujeitos de uma sociedade são criados sob os discursos que ela produz”. Entretanto, “tais discursos existem sempre em sua diversidade, de modo que a sociedade também pode ser enxergada a partir de sua variedade” (Cozer, 2017, p. 28). Nesse sentido, embora os conceitos de corpo e sexo sejam tratados como categorias históricas essenciais para compreender a organização das práticas eróticas e das hierarquias sociais na Antiguidade, é consenso que se deve evitar o uso do conceito de sexualidade como chave explicativa, por entendê-lo como uma construção moderna associada a regimes de saber e identidade inexistentes no mundo antigo.

Portanto, esse dossiê vincula os conceitos de corpo e sexo ao conceito de homoerotismo. Ao pensarmos as práticas sexuais na Antiguidade, sabemos que elas eram realizadas tanto entre pessoas de sexo biológico diferente, como entre pessoas de sexo biológico igual. Para este último caso, compreendemos, através de categorias históricas, existirem relações homoeróticas, e não homossexuais, masculinas e femininas, ou bissexuais. Portanto, este dossiê vincula os conceitos de corpo e sexo ao conceito de homoerotismo, palavra formada por *homós* (igual) e *érōs* (desejo), ou seja, “desejo entre iguais”, compreensão já encontrada em textos da antiguidade, como no discurso *Contra Timarco* de Ésquines: “τῶν ὁμοίων ἐρῶντας / *tōn homoíōn erōnta*” (141; Pavan, 2023, p. 20). Diferente de “homossexualismo” (criado apenas no século XIX e que possui sentidos que não se adequam ao contexto da antiguidade), o conceito de homoerotismo contribui para investigar um contexto em que não existia uma oposição entre as pessoas que se relacionavam com o mesmo gênero (*homo*), as que se relacionavam com o oposto (*hetero*) e aquelas que se relacionavam com ambos os gênero (*bi*), como existe em culturas contemporâneas, sendo, portanto, uma ferramenta de análise que se adequa de melhor forma àquela realidade (Foucault, 1984, p. 167-170).

Por fim, quando falamos dos corpos e das práticas sexuais homoeróticas no mundo antigo, masculinas e femininas, referimo-nos as formas como os antigos organizavam classificações morais, sociais e políticas relativas às condutas, aos papéis e às hierarquias entre os sujeitos. O corpo não era apenas um dado biológico, mas um marcador de status, gênero e hierarquia social, enquanto o sexo dizia respeito a funções, comportamentos e expectativas normativas inscritas na ordem cívica e simbólica. Sendo assim, para Cozer (2017), homens e mulheres membros da Antiguidade Clássica e Tardia “oscilam entre valores de autocontrole e descontrole, de potência e impotência” e que, portanto, nos discursos antigos, “a hombridade” ou a feminilidade, o ser ou não ser masculino/feminino, a prática ou não de uma relação homoerótica, não seriam marcadores únicos e exclusivos daquilo que Foucault (1984) chama de domínio de si, tão caro aos gregos e romanos, mas sim uma complexa rede de possibilidades de performances.

Nesse sentido temos o primeiro artigo de **Camila Miranda Jesus Tenreiro** que propõe uma História Antiga aberta ao futuro, isto é, busca entender como as percepções e reflexões sobre gênero e sexualidade na Antiguidade impactam o presente. Nesse sentido, fazendo uma ponte entre Contemporaneidade e Antiguidade, este artigo propõe analisar o uso de três casos de estudos acadêmicos, com participação de classicistas em casos da Suprema Corte dos EUA relacionados aos direitos civis da comunidade LGBTQIA+, sob a luz de considerações teóricas de Elizabeth Deeds Ermarth e Joan Scott. Tenreiro nos apresenta, desse modo, que a mobilização destes estudos acadêmicos possui o intuito de melhorar a argumentação dos processos. Sendo assim, este capítulo inicia nosso dossiê com uma importante reflexão sobre recepção e uso da Antiguidade nos tempos atuais e, além disso, de forma muito eloquente, apresenta-nos as diferentes formas como a História Antiga pode estar presente em nossos discursos sobre o ontem e o hoje.

Na sequência temos o trabalho de **Fábio Rodrigues da Silva**, que busca analisar o homoerotismo sob uma perspectiva seleta: o olhar, sobre as práticas sexuais entre pessoas de sexo biológico igual, de gregos e romanos. Um dos

pontos de enfoque do autor é examinar como na Antiguidade, ao contrário do mundo contemporâneo, aquilo que classificamos como orientações sexuais não determinavam a identidade do indivíduo, não existindo a inclusão de homens e mulheres numa mesma categoria de acordo com a sua atração sexual. Para o caso grego, a estrutura da pederastia é investigada, explorando-se como se dava a relação entre os homens jovens e os mais velhos, nos papéis de erômenos e erastês, além de se discutir qual era o contraponto dessa instituição para o homoerotismo feminino. Da parte dos romanos, o autor investiga como a questão da sexualidade da cultura grega é incorporada por eles e como eram as suas próprias concepções sobre as condutas sexuais.

Saindo um pouco da esfera da chamada Antiguidade Clássica, ou seja, Grécia e Roma, temos o artigo de **Gustavo Henrique Marques Marciel** e **Maria Regina Candido**, que foca no erotismo no Egito Antigo. Esta pesquisa parte de como a religião egípcia está frequentemente associada a práticas sexuais, desde o mito de criação do mundo através da masturbação do deus Atum até a criação de vários outros deuses. O foco principal do artigo, portanto, é mostrar que, assim como ocorre em todas as sociedades antigas e, atrevemo-nos a dizer, em todas as sociedades ao longo da história, a “sexualidade” estará presente como parte intrínseca da vida cotidiana, se fazendo presente na religião e na política. No entanto, no caso do Egito Antigo, Gustavo Marciel e Maria Regina Candido nos relatam que o ato sexual não era visto puramente como uma ação voltada à reprodução, mas que seu simbolismo estaria relacionado à dádiva da fertilidade e a expressão da energia criadora que sustentava o cosmos.

Já **Hiandra Munique de Souza Costa** questiona, através das teorias de gênero e de análise textual, de que modo o homoerotismo feminino é retratado em poetas romanos como Marcial e Ovídio. Ao perceber determinados termos usado por esses poetas ao descreverem práticas homoeróticas femininas, a autora entende que estas últimas aparecem, geralmente, como práticas ligadas ao grotesco ou ao monstruoso. Isso se dá, como sabemos e aponta Alexandre Cozer (2017, p. 29), pois o “falo e o masculino possuem exclusivamente um valor agressivo e dominador” na sociedade romana, e que quando temos uma mulher

agindo como o ativo em relações sexuais, ou seja, de forma masculina, tal ação é veemente atacada na poesia latina. Contudo, para Costa, ao aplicar a teoria queer a essas representações homoeróticas femininas, reconhece-as como experiências de prazer e subjetividade feminina existente na sociedade romana. Ainda falando de homoerotismo feminino, temos o artigo de **Larissa Fernandes Nogueira**, que busca, em sua pesquisa, defender que a poetisa Safo, conhecida como uma das poucas mulheres a terem seus escritos preservados e por ser uma importantíssima fonte de pesquisa sobre o homoerotismo grego arcaico, constitui-se como uma mulher imaginária, ou melhor, imaginada. Nesse sentido, a autora não nega a existência de uma poetisa Safo que teria vivido na ilha de Lesbos durante o período Arcaico da história grega. Para a autora, o que realmente importa, frente às pesquisas sobre Safo e seus poemas, não é tentar comprovar a possível homossexualidade de Safo através de seus poemas homoeróticos femininos, ou de qual teria sido o fim da poetisa, mas sim analisar como todas essas visões sobre Safo foram construídas e moldadas para a criação de imagens, no plural, acerca de Safo.

Lucas Lira Ferreira, por sua vez, trabalha a construção de uma identidade étnica macedônia através de duas obras de autores greco-romanos sobre Alexandre, o Grande: Plutarco de Queroneira e Quinto Cúrcio Rufo. Para o autor, poderíamos perceber a construção de uma identidade étnica macedônia distinta da de gregos e romanos. Além disso, Lucas Ferreira argumenta que as práticas homoeróticas seriam um marcador importante dessa diferenciação étnica e que funcionariam até mesmo como exemplo para gregos e romanos do século I d.C. Nesse sentido, o alvo desta investigação não é o comportamento homoerótico, ou a possibilidade dele nas relações apresentadas por Alexandre, o Grande, mas sim esses comportamentos ou possibilidades de em personagens macedônios que aparecem ao longo das narrativas plutarquianas e de Rufo.

Matheus Roberto Breda Teixeira analisa a obra *Compêndio da Arte Militar* escrita pelo autor Flávio Vegécio Renato, no século IV d.C. através de uma perspectiva teórica da História Social. O objetivo do autor, nesse sentido, é compreender de que modo o corpo está presente no *Compêndio da Arte Militar*

de Vegécio (século IV d.C.). Para isso, Matheus Texeira parte de uma análise sobre o contexto histórico do Império Romano no século IV para compreender a insatisfação de Vegécio com o estado do exército romano, fragilizado e enfraquecido após as recorrentes crises do século III. Deste contexto, Teixeira então nos apresenta uma investigação e discussão minuciosa sobre as percepções de Vegécio sobre os corpos dos soldados romanos, cujas características consideradas ideias deveriam espelhar àquelas do passado, pré-século III. O autor, portanto, historiciza o corpo e nos demonstra como tais concepções são reflexo do contexto vivido por Vegécio, assim como demarcam os processos de rupturas e continuidades características da Antiguidade Tardia.

Voltando-se para o contexto ateniense, o texto de **Priscila Marques França** e **Maria Regina Candido** examina a prostituição feminina e as diferentes categorias das mulheres que ofertavam seus serviços no âmbito dos prazeres sexuais. As autoras propõem investigar os significados e os papéis sociais das hetairai e das pornai, inquirindo sobre seu cotidiano no período Clássico de Atenas, quais os espaços eram ocupados por elas e como elas integravam esses espaços na pólis. Entre as discussões exploradas no texto, examina-se o status das mulheres na sociedade patriarcal grega, as diferenciações conforme o seu lugar na estratificação social ateniense, bem como as relações de poder entre os gêneros.

Saindo do contexto da prática e indo para a esfera da idealização, **Raphael Calebe Vasconcelos Costa** analisa como se constrói a definição do conceito de kaloskagathos para Xenofonte a partir da sua obra Banquete (IV a.C.) e como o homoerostismo é mobilizado no discurso socrático para a normatização do que é socialmente valorizado no que diz respeito à masculinidade. O ponto principal do texto é examinar como Xenofonte define dois casos de relações homoeróticas, utilizados como exemplos para pensar a conduta sexual dos homens em relação ao que se determina ideal em termos de beleza e bondade. Coloca-se em pauta, no artigo, como os comportamentos mais moderados, vinculados à sophrosune (temperança), eram importantes para a melhor manifestação do amor entre os erastês e erômenos, demonstrando como apesar

de corriqueiras e incentivadas, as relações entre os homens estavam pautadas por normas construídas socialmente.

Mais uma vez trazendo luz e tendo como foco as relações homoeróticas femininas, **Victória Lacerdo de Lima** compara o que ela chama de “codificação do homoerotismo feminino” entre os séculos I a.C. e I d.C., colocando em contraste, ou em comparação, a culpa e o escárnio presente nas obras literárias com a ideia de ternura material presente nos grafites de Pompeia. A análise gira entorno da epístola de Safo a Faon (Ovídio, *Heroínas* XV), nas “brincadeiras” de Letória, no epigrama de Marcial (VI, 45), bem como no grafite de Pompeia (CIL IV, 5296). Tudo isso busca demonstrar as tensões frente ao discurso hegemônico sobre as relações entre mulheres, visando deixar exposto como experiências cotidianas, presentes na literatura e na cultura material, não apenas desafiam o discurso normativo da sociedade latina, mas também o constrói.

Por fim, o artigo de **Vittória Menezes Vargas e Ingrid Rodrigues dos Santos** explora a questão do estupro nas *Metamorfoses* de Ovídio (século I a.C. – 1 d. C.) enquanto um elemento relevante para compreender as dinâmicas morais que sustentavam as relações sociais no contexto do Principado de Otávio Augusto. A investigação, nesse sentido, demonstra através do conto de Calisto de que modo essa representação sobre o estupro possui um caráter ambivalente, que dialoga e tensiona noções morais do contexto. O texto das autoras, dessarte, contribui para os debates sobre sexualidade, gênero e moralidade a partir de noções culturais romanas no período do Principado, e denota, através de uma análise criteriosa da poesia ovidiana, a relevância de categorias como “moralidade” e “estupro” para compreender as nuances, tensões e contradições sobre discursos, representações e normas sobre corpo e gênero.

Diante do que foi apresentado, acreditamos que os artigos deste dossiê oferecem contribuições relevantes para as discussões sobre gênero, corpo, sexo e homoerotismo no campo da História Antiga. Da cosmogonia egípcia, aos tratados filosóficos gregos do período Clássico até manuais militares da Antiguidade Tardia romana, convidamos a todas e a todos a embarcar nesta íntima e rica viagem ao Mundo Antigo. Desejamos a vocês uma excelente leitura!

Referências

BUTLER, Judith. **Bodies that Matter**: on the discursive limits of “sex”. New York e London: Routledge, 1993.

COZER, Alexandre. O masculino e seu sexo na Roma antiga: debate sobre a poética de Catulo e da Priapeia. **Revista de Estudos Filosóficos e Históricos da Antiguidade**, Campinas, SP, v. 22, n. 31, p. 27–63, 2018.

DOI: [10.53000/cpa.v22i31.3029](https://doi.org/10.53000/cpa.v22i31.3029). Disponível

em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/cpa/article/view/17135>.

Acesso em: 23 fev. 2026.

ÉSQUINES. **Contra Timarco**. Tradução em português por Luiz Guilherme Couto Pereira. In: _____. *Contra Timarco, de Ésquines: tradução e estudo introdutório*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, São Paulo, 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Editions Gallimard, 1984.

PAVAN, Isaías. **“Desonrando o próprio corpo e a cidade”**: moralidade homoerótica no discurso *Contra Timarco* de Ésquines. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Guaporé, 2023.